

SIMPÓSIO AT041

PRÁTICAS DE SALA DE AULA: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS NO CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL OFERECIDO PELO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

SANTOS, Aline Miguel da Silva dos

Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Palhoça Bilingue
aline.miguel@ifsc.edu.br

Resumo: As discussões acerca da educação de surdos na perspectiva bilíngue têm ganhado cada vez mais força. Documentos como a Lei 10.436, de 2002, o Decreto 5.626, de 2005, o Plano Nacional de Educação, de 2014 e até mesmo a Lei 13.146, de 2015, têm impulsionado estudos e práticas que tomam como base para a educação de surdos a Libras como língua de instrução e consideram o português escrito como uma segunda língua. O objetivo aqui é o de compartilhar algumas das práticas pedagógicas realizadas no Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Palhoça Bilingue (Libras/Português), mais especificamente, no Curso de Formação Inicial em português escrito como segunda língua para surdos, nível básico, ocorrido no primeiro e segundo semestres do ano de 2018. Busca-se contextualizar a instituição e o curso em questão, trazer os perfis dos alunos e mostrar a diversidade de realidades que encontramos em sala de aula e como ela molda nossas práticas. Quando estudamos sobre educação de surdos, temos uma dimensão da imprescindibilidade da língua de sinais como língua de instrução e de que a maioria das crianças surdas nasceu em lares ouvintes, então, trazer o dia a dia da sala de aula nos ajuda a compreender outras dimensões dessas realidades. As pesquisas que embasam a realização de todo esse trabalho, prático e teórico, são aquelas que trazem contribuições acerca da educação bilíngue e do aprendizado da língua portuguesa para surdos por Neves (2017), Lodi (2014) e Fernandes (2006).

Palavras-chave: Educação bilíngue; Ensino de língua portuguesa para surdos; Instituto Federal de Santa Catarina.

Abstract: The bilingual perspective discussions about deaf education have gained increasing strength. Besides that, documents such as law 10.436 of 2002, Decree 5.626 of 2005, the National Education Plan of 2014 and even law 13.146 of 2015, have promoted studies and practices based on the theoretical view of Libras as a language of instruction and considering written Portuguese as a second language. The objective of this paper is to share some of the pedagogical practices carried out at the Federal Institute of Santa Catarina, Bilingual Campus (Libras/Portuguese) in Palhoça, specifically in the initial written Portuguese training course as a second language for the deaf, basic level, first and second semesters of the year 2018. It seeks to contextualize the Institution and the course itself, mapping the students profiles and showing the diversity of realities that we find in the classroom and how it shapes our practices. When we study about the deaf education, we realize how indispensable sign

language as a language of instruction is and that most of the deaf are born into a hearing family, so put the daily classroom experience into discussion helps us to understand other dimensions of these realities. The researches that support the accomplishment of all this work, both practical and theoretical, are those that bring contributions about bilingual education and Portuguese language learning for the deaf by Neves (2017), Lodi (2014) and Fernandes (2006).

Keywords: Bilingual education; Portuguese language teaching for deaf; Federal Institute of Santa Catarina.

Introdução

O Curso de Formação Inicial em português escrito como segunda língua para surdos é oferecido pelo Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Palhoça Bilíngue, na expectativa de proporcionar o ensino de português escrito por intermédio da língua de sinais. O Câmpus Palhoça Bilíngue é a primeira unidade da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica na modalidade bilíngue – Libras/Português – e tem como um de seus objetivos viabilizar a interação entre surdos e ouvintes no campo educacional e profissional. Para tal, a instituição oferta cursos de diferentes níveis e modalidades de ensino: desde os de formação inicial e continuada (o curso do qual vamos tratar mais especificamente), cursos de nível médio integrado ao ensino técnico/profissionalizante nas áreas de Comunicação visual e Tradução e interpretação de Libras, cursos de nível superior em Licenciatura em Pedagogia Bilíngue e Tecnólogo em Produção Multimídia e cursos de pós graduação em Educação de Surdos e Tradução e interpretação de Libras. Mesmo que o curso não seja da área da educação temos disciplinas de Libras e cultura surda dentro do currículo ofertado. Há uma outra parte que cabe destacar nos cursos oferecidos do câmpus: o curso de ensino médio integrado ao curso técnico de Comunicação visual possui turmas separadas de usuários da língua de sinais e turmas de ouvintes não usuários da língua de sinais, a fim de que as metodologias de ensino sejam pensadas mais apropriadamente para cada público. Também é interessante trazer a informação de que o ingresso nos cursos do câmpus é, com exceção dos cursos superiores, via sorteio eletrônico, ou seja, não há provas de seleção.

O Curso de Formação Inicial, foco de nossa discussão, está baseado na estrutura organizacional do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: ensino, aprendizagem e avaliação (QECR) e está organizado em 6 (seis) módulos semestrais de sessenta (60) horas aula cada, apresentando os níveis A1 até o B1. Os alunos que demonstram interesse em cursar níveis sem começar pelo primeiro, devem fazer uma prova de nivelamento.

As razões que motivaram a elaboração deste curso têm base nas percepções dos professores de português como L2 da instituição em relação ao domínio da língua portuguesa dos jovens alunos surdos ingressantes nos cursos de nível médio integrado. Muitos deles não possuíam o conhecimento do vocabulário para a mais básica comunicação de descrição ou de exposição de necessidades pessoais. Isso devido ao fato de terem tido um percurso educacional, por muitas vezes, despreparado, e ao fato de alguns deles terem o contato com a língua de sinais dentro do próprio curso de ensino médio integrado ao ingressarem na instituição.

Desta forma, o curso em questão, ofertado desde o primeiro semestre do ano de 2018, veio com o propósito de oferecer uma formação concomitante ao curso regular desses alunos, e não apenas para os alunos matriculados nos cursos regulares do IFSC, mas também para outros jovens surdos da comunidade. Além do ensino do português escrito, que visa a autonomia dos jovens surdos nos contextos sociais, o curso tem a incubência de oferecer input na língua de sinais, já que, muitos desses jovens, não chegaram à instituição com a aquisição da linguagem consolidada.

É na perspectiva de trazer à tona esse contexto e de compartilhar algumas práticas e impasses vivenciados em sala de aula que este artigo se desenvolve a partir de agora.

1. Um recorte do Curso de Formação Inicial em português escrito como segunda língua para surdos

No primeiro e segundo semestres de 2018 foram ofertadas 20 vagas para o curso de português escrito para surdos, nível I, respectivamente. Entre alunos da comunidade e alunos já matriculados em nosso curso de nível médio

técnico, 17 matrículas foram realizadas, no entanto, apenas 7 alunos frequentaram as aulas. No segundo semestre, o mesmo número de vagas foi ofertado, porém tivemos 5 matriculados e 4 alunos concluintes. As idades variaram entre 18 e 21 anos.

O curso de nível 1 oferecido foi formulado com o intuito de desenvolver as seguintes competências nos alunos: Utilizar palavras e frases ordinárias, cotidianas, importantes para sua independência e compreensão de seu entorno; saber responder a perguntas sobre sua vida pessoal; realizar descrições sucintas sobre objetos, pessoas e lugares; reconhecer a existência das classes das palavras; organizar palavras dentro de uma frase; categorizar, agrupar e generalizar substantivos; narrar e descrever acontecimentos simples do cotidiano; utilizar os elementos estruturais da narração e da descrição.

No primeiro dia de aula foi feita uma atividade diagnóstica com os alunos a fim de perceber qual o nível de compreensão e de produção na língua portuguesa, mas também na língua de sinais, afinal, para a aprendizagem de uma segunda língua é necessário que a língua materna esteja consolidada.

Foi então apresentado aos alunos um vídeo intitulado “Caterpillar”, de Ian Sanborn, sem sinais, apenas descrição imagética e, em seguida, solicitado para que eles recontassem a narrativa com desenhos. A intenção era a de observar qual o entendimento que os alunos tiveram do vídeo e se conseguiam recontar a sequência narrativa de acordo com o que assistiram. Em um segundo momento, partimos para a produção de um texto em português escrito do mesmo vídeo.

É imprescindível que conheçamos nossos alunos, sejam surdos ou ouvintes, a fim de proporcionar práticas pedagógicas que colaborem para o seu desenvolvimento a partir do que já conhecem. De acordo com Quadros e Cruz (2011, p. 43) “[...] realizar uma avaliação da linguagem é fundamental para identificar o que está adequado e o que necessita ser adquirido e, posteriormente, possibilitar uma adequada intervenção”.

Aqui está um ponto interessante que deve ser levado em consideração quando falamos em ensino de língua portuguesa escrita: de certa forma, o

ensino da língua de sinais também faz parte desse processo no aprimoramento do vocabulário e a ampliação dos conceitos de mundo desses alunos. Para Lodi (2014, p. 167) “[...] é impossível falar de qualquer processo ensino-aprendizagem sem discutirmos, antes, desenvolvimento de linguagem, considerando que ela é a base para o desenvolvimento de todas as funções mentais superiores”.

Um dos desafios encontrados nas turmas de surdos é a grande disparidade entre os níveis linguísticos dos alunos. A questão é respeitar o ritmo de cada aluno e procurar estratégias que colaborem com o desenvolvimento de cada um.

Há algo muito positivo que gostaria de enfatizar que é o fato de, independentemente do nível linguístico e de compreensão de leitura e de escrita da língua portuguesa, os alunos nutrirem um interesse aguçado pelo aprendizado do português. A curiosidade dos alunos é tamanha que é fácil sair do foco, por causa de tantas outras perguntas relacionadas. Nem parece que, por tanto tempo, tiveram desprazer pelo português escrito. Isso porque, esses alunos estavam submetidos a aulas de português com metodologia de ensino para ouvintes, sendo mediadas por intérpretes. No referido curso, as aulas não possuem a presença de intérpretes, os alunos tiram as dúvidas diretamente com a professora. A professora olha nos olhos e para as expressões dos alunos enquanto a aula acontece. Isso leva os alunos a sentirem-se considerados durante o processo, trazendo um pouco mais de segurança e conforto frente à essa língua escrita tão complexa. Voltamos a falar da importância da língua de sinais como língua de instrução: “[...] o ensino da segunda língua para surdos depende de práticas compatíveis com as exigências inerentes ao aprendizado da escrita por esses indivíduos, de modo que a primeira língua desses sujeitos seja a base no ambiente escolar” (NEVES, 2017, p. 46).

Essa língua em comum entre professores e alunos como ponto de partida influencia a atitude linguística e a motivação desses alunos. A segurança e o conforto, comentados mais acima, teriam influência no

posicionamento dos alunos em relação à língua portuguesa escrita, ou seja, em relação à atitude linguística (NEVES, 2017). Em sua tese, Neves (2017) mostra que essa mudança de atitude em relação à língua portuguesa escrita se dá pelo fato de os alunos terem a Libras como língua de instrução. Dos 10 alunos participantes de sua pesquisa, 7 afirmaram veementemente terem passado a gostar de estudar a língua portuguesa escrita, ao contrário de quando estudavam em escolas cuja língua de instrução era o português.

Durante as aulas era comum fazer paralelos com a aprendizagem da língua inglesa com o intuito de fazer com que os alunos compreendessem que aprender uma outra língua (de modalidade diferente da sua inclusive) requer esforço, dedicação, tempo e prática, e isso acontece com qualquer aprendiz de uma segunda língua ou língua estrangeira, o caso do inglês para a maioria de nós brasileiros. As dificuldades e desafios estão para quaisquer alunos e não apenas para os alunos surdos.

Outra estratégia utilizada durante as aulas era ensinar aspectos gramaticais da língua portuguesa de forma a compará-la com a Libras. As interjeições, por exemplo, que são palavras ou expressões que exprimem determinada emoção, apelo ou ordem, podem ser facilmente explicadas em paralelo com as expressões faciais e corporais utilizadas na Libras. O mesmo pode ser feito com pronomes pessoais, pronomes possessivos e interrogativos, entre outros aspectos.

Pode-se observar também que a maioria dos alunos tem dificuldade de compreender questões de arranjo espacial: a rua consta em um bairro que, por sua vez, pertence a uma cidade que está localizada em um estado que, então, pertence a um país. Essas categorizações não estão claras para muitos deles.

Na apostila distribuída constava uma folha de identificação pessoal, na qual os alunos deveriam colocar informações como nome, endereço, e-mail para contato, escolaridade, naturalidade, etc. Estes dois últimos termos não eram conhecidos pelos alunos. Muitos preencheram a lacuna da escolaridade com o nome da escola em que estudaram. Uma confusão fácil de acontecer pela semelhança entre as palavras. Mas um dos alunos chamou a atenção

quando passava a preencher as informações depois que sua mãe as enviava pelo aplicativo do celular.

O maior desafio encontrado foi com a internalização ou memorização dos termos em português pelos alunos surdos. Então, atividades que envolviam cópia, preenchimento de lacunas, até mesmo caça palavras, foram utilizadas para que os alunos praticassem o uso de determinados termos, sempre de maneira contextualizada.

Diferentemente dos alunos ouvintes, que utilizam o apoio dos sons no processo de aprendizagem da escrita, os alunos surdos precisam se basear na memorização. A questão é fazer com que os alunos sintam-se atraídos, interessados em se dedicar a essa memorização. Atividades que exigiam que os alunos lessem pistas para encontrar alguma surpresa, por exemplo, foram estratégias utilizadas para instigar a necessidade da leitura e da pesquisa.

Fernandes (2006) apresenta um quadro de implicações do processo de alfabetização para alunos surdos que deixa bastante evidente diferenças que devem ser levadas em consideração pelos professores. Na alfabetização de ouvintes o conhecimento prévio da criança em relação à língua portuguesa é bastante explorado, conhecimento esse que foi produzido com base nas interações orais e auditivas. Então o aluno ouvinte tem acesso a uma grande variedade de gêneros do discurso que serve como base quando inicia a vida escolar. Já o aluno surdo não tem esse conhecimento prévio.

Da mesma forma, o alfabeto e as sílabas, ou seja, os grafemas, são apresentados aos alunos ouvintes em constante relação com seus respectivos fonemas. Essa relação entre som e escrita colabora muito para o desenvolvimento desta última, o que não evita que os próprios alunos ouvintes caiam nas armadilhas dos fonemas que são representados por diferentes grafemas. De qualquer maneira, os alunos surdos não possuem esse apoio auditivo, fazendo com que a prática da memorização seja muito necessária.

Isso levanta a questão da importância dos professores trabalharem a leitura e a escrita da língua portuguesa independente de suas áreas de atuação, e não apenas nas disciplinas de língua portuguesa. É importante que

o ambiente escolar como um todo estimule e apresente estratégias de leitura, tire dúvidas, mostre que desenvolver essa autonomia é importante. Sempre com a noção de que a língua de instrução deve ser a língua de sinais.

Considerações finais

As pesquisas na área de ensino de língua portuguesa para surdos têm crescido mas as mudanças práticas nas escolas ainda são tímidas. Não implica apenas na conscientização de docentes e gestores, mas em formação continuada adequada e uma organização diferente das turmas e das disciplinas de língua portuguesa, principalmente.

O que deve ficar muito claro é a importância da Libras como língua de instrução e a compreensão das diferenças que existem no ensino de língua portuguesa para surdos e ouvintes. O papel da leitura e da escrita para os surdos está além de proporcionar acesso ao conhecimento, ele é base da comunicação com uma sociedade que não conhece a língua de sinais.

Referências

FERNANDES, Sueli. Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos. Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Fernandes_praticas_letramentos-surdos_2006.pdf. Acesso em 28 mar. 2019.

LODI, Ana Cláudia Balieiro. Ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos: Impacto na educação básica. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (Org.). **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à LIBRAS e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 165-183.

NEVES, Bruna Crescêncio. **Educação bilíngue para surdos e as implicações para o aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua.** Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de; CRUZ, Carina Rebello. **Língua de sinais:** Instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.